

# NÓTULAS TAXIONÔMICAS SOBRE LEGUMINOSAS BRASILEIRAS

CARLOS TOLEDO RIZZINI  
Jardim Botânico

## 1. *Itaobimia magalhaesii* Rizz.

Em 1977, descrevi o novo gênero e espécie de papilionadas dito *Itaobimia*, com base em material florífero. Em 1979, após descobrir a planta *in vivo* repleta de frutos maduros (julho de 1978), dei à luz nova contribuição, descrevendo o hábito e os legumes dela. Neste trabalho, mostrei que a entidade recém-descrita exibia apreciável afinidade com o gênero *Riedeliella* Harms. Mas, se por um lado a diferença básica entre ambos era de pequena monta, por outro sua relevância assumia grandes proporções, visto que o caráter em pauta denota importância alta no capítulo da separação de tribos. Com efeito, *Riedeliella* caracteriza-se pelos filetes unidos apenas na base; “*filamentis basi in tubum brevissimum conatis*”, nas palavras do seu descritor, Harms (1903). Ao contrário, *Itaobimia* leva como peculiaridade filetes soldados até cerca da metade; diz o autor do gênero (Rizzini, 1977): “*Stamina usque ad medium monadelphia*”.

O encontro, em abril de 1979, das plantas acima referidas como carpóforas no ano anterior, em plena floração, ensejou uma reverificação desses fatos, porque, quase concomitantemente, A. de Mattos Filho reportava *R. graciliflora* Harms de Mato Grosso do Sul. Foi, assim, possível o confronto organográfico direto dos dois gêneros.

As duas plantas são bastante diversas quanto às folhas e aspecto geral. Todavia, importavam-nos as flores e particularmente os respectivos androceus. Em *Riedeliella*, as flores são palidamente lúteas e assim se conservam até no herbário; em *Itaobimia*, são marrons (ao abrir-se, revelam-se alvas, mas mui rapidamente escurecem, de sorte que a inflorescência inteira é castanho-escura *in natura*). O ovário, no primeiro, é densa e longamente rufo-viloso, e biovulado; no segundo, glabro, exceto algumas cerdas nos bordos, e 4-5 ovulado.

Os estames de *Riedeliella* (5-6 mm) apresentam os filetes coalescentes na base formando um tubo que mede em torno de 1 mm de altura, ficando o ovário inteiramente livre. Os filetes em *Itaobimia* medem tipicamente (5) 6-7 mm, mostrando-se conados até perto do meio e gerando um tubo com (2,5) 3 mm de comprimento, o qual oculta completamente o ovário. Ao demais, as típicas folhas florais reduzidas de *Itaobimia*, inseridas sobre o eixo das panículas, faltam em *Riedeliella*. Convém esclarecer que o novo e copioso material antóforo conduzia sempre 10 estames nas flores.

Posto isto, é de ver que *Itaobimia* pertence à tribo *Dalbergieae*, à qual foi atribuído de início. Mas, pode dizer-se que estabelece transição para a tribo *Sophoreae*. Naquela não está solidamente situado em face das corolas quase regulares (ficando ao lado de *Etabalia*). Nesta, ficaria algo à margem em virtude dos filetes altamente soldados. Em tais casos, é preferível acentuar o caráter mais significativo, de valor superior: o grau de monadelphia, que discrimina tribos e não gêneros.

**Material examinado — *Itaobimia*:** Itaobim, MG, no agreste, flores marrons, Rizzini & Mattos Filho 1-IV-79; neótipo em lugar do holótipo desaparecido do herbário

do Jardim Botânico. **Riedeliella**: Rochedo, MS, próximo à Serra de Jacobina, junto a cerradão (margem de estrada), A. de Mattos Filho 1.042 (26-I-79). Antes conhecida de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraguai (Mohlenbrock, 1962). Fig. 1-4. RB 193691 e 193693.

## 2. *Mimosa pteridifolia* Benth.

Bentham (1876) descreve-a como um arbusto inerme, dotado de folhas com 24-36 pinas e cada uma destas levando 24-50 folíolos, os quais medem 2-4 mm de comprimento e possuem glândulas na página inferior. Menciona, porém, dois espécimens com folíolos **ainda menores**, um de Pohl e outro de Saint-Hilaire. As espigas, solitárias ou geminadas, alcançam 3,5-7,5 cm.

Os dois exemplares que colhemos (com A. de Mattos Filho) nas proximidades de Itaobim, MG, onde a planta é freqüente, diferem da descrição benthamiana por alguns fatos morfológicos de apreciável valor diagnóstico entre as leguminosas. Em primeiro lugar, as folhas conduzem sempre 10-12 pinas (portanto, 2-3 vezes menos do que o tipo); cada uma insere 24-66 folíolos que medem 5-6 mm de comprimento (no máximo: 2 x 7 mm); estes apresentam, inferiormente, glândulas escamiformes douradas, que caracterizam todos os exemplares aqui referidos (e muito bem a própria espécie), sendo as escamas glandulares peltadas. Pecíolo e râmulo, igualmente, lepidoto-glandulosos.

Peculiaridade adicional é que dois exemplares, sendo um de Minas Gerais e outro de Mato Grosso, conduzem pequenos acúleos nos râmulos e às vezes na face inferior da nervura central. Mediante quejando caráter, a espécie não entra na chave discriminatória das espécies apresentada na **Flora Brasiliensis**. A verdade é que o material do herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, aliado ao meu de Itaobim, prova ser **M. pteridifolia** uma entidade **altamente polimorfa**. Com efeito, esses diferentes indivíduos exibem boas combinações de caracteres que nenhum destes é realmente típico e não serve para definir espécies. Ora, os tipos extremos são tão distintos quanto se poderia exigir que o fossem boas espécies — mas, eis o problema: entre eles há todas as transições possíveis e combinações de fatos morfológicos.

Que haja variações geneticamente fixadas prova a observação subsequente: no mesmo local (agreste de Itaobim) ocorrem, lado a lado, as duas formas muito discrepantes: 1) com pinas numerosas e folíolos reduzidos; 2) com pinas escassas e folíolos maiores.

Sendo assim, julgo acertado subdividir a entidade em tela em diversas variedades; não será surpresa, no futuro, com maior representação de exsicatas, saia desse complexo uma ou mais espécies genuínas. Segue-se a maneira pela qual elas podem ser caracterizadas.

1. Acúleos ausentes.

2. Folíolos diminutos, até 1,5 mm de comprimento.

1. *M. pteridifolia* var. **nanophylla**

2. Folíolos medindo 2-7 mm no comprimento.

3. Pinas em número de (18) 24-38.

2. *M. pteridifolia* var. **pteridifolia**

3. Pinas em número de 10-14 (18)

3. *M. pteridifolia* var. **paucipinnata**



1. Acúleos presentes.  
4. Pinas 10-12 (14).

4. *M. pteridifolia* var. *armandiana*

4. Pinas 28-42.

5. *M. pteridifolia* var. *affinis*

1. *Mimosa pteridifolia* Benth. var. *pteridifolia*  
*M. pteridifolia* Benth. in Fl. Bras., 15 (2): 355, 1876.

Inermis. Pinnae (18) 24-38, longitudine 5-8 (10) cm. Foliola 24-50, 2-4 (5) mm longa. Spicae 3,5-8 cm longae.

Habitat in campo ad Uberlandia, MG, leg. A. Macedo 4296 (9-II-56), RB 96603. Rio Turvo (200 km a Xavantina), MT, R. R. dos Santos & R. Souza 1638 (4-VI-68), in cerrado, RB 165.727.

2. *Mimosa pteridifolia* Benth. var. *nanophylla* Rizz., n. var.

Inermis. Pinnae 24-40, longitudine 7-15 mm. Foliola 20-50, tantum 1-1,5 mm longa. Folia 3-6 cm longa spicae 5-7 cm longae, pergraciles.

Vivit in vicinia caatingae madefactae ad Pedra Azul—Itaobim, MG, leg. G. M. Magalhães 15017 (RB 105514). Minas Gerais, A. de Saint-Hilaire, e Museo Paris, RB 43898. Montes Claros, MG, 1000 m.s.m., F. Markgraf, M. Barreto & A. C. Brade 10-XI-38 (RB 39825 e 39826).

Vê-se que esta variedade de folíolos mínimos, toda reduzida nas dimensões, é própria das áreas de agreste mineiro, ou seja, caatinga úmida.

3. *Mimosa pteridifolia* Benth. var. *paucipinnata* Rizz., n. var.

Inermis. Pinnae 10-14 (18), longitudine 3,5-7 cm. Foliola cc. 4-5 mm longa. Spicae desunt.

Lecta in cerrado 270 km a Xavantina, MT, J. A. Ratter et al. 1581 (29-V-68). RB 165.728.

4. *Mimosa pteridifolia* Benth. var. *armandiana* Rizz., n. var.

Aculeata (rariusve ramis novellis inermibus) ad ramulos petiolosve. Pinnae 10-12 (14), longiores ad 8 cm longae. Foliola 32-50 (66), 4-6 mm longa. Spicae perrobustae, 10-13 cm longae, ternae.

In agreste (caatinga madida), haud procul ab Itaobim, MG, legerunt A. de Mattos Filho & C. T. Rizzini 2-IV-79, nomine *malícia* ab incolis salutanda; holotypus RB 188.974. Itaberaba, BA, agreste, coll. Armando de Mattos Filho 1080 (10-VII-78), nomen vernaculare *malícia*. Fig. 5.

5. *Mimosa pteridifolia* Benth. var. *affinis* Rizz., n. var.

Aculeata ut antecedens. Pinnae 28-42, 3-7,5 cm longae. Foliola numerosa, 4-5 mm longa. Spicae haud suppetunt.

Viget in cerrado, via Xavantina—São Félix, MT, R. R. dos Santos et al. 1227 (RB 165.729), holotypus.

Difere da var. *pteridifolia* pelo número de pinas foliares e pela presença de acúleos.

A divisão supra-exarada, por ora, é o que, a meu parecer, de melhor pode fazer-se com *Mimosa pteridifolia*, que o próprio Bentham deixou intacta.

3. *Mimosa malacocentra* Mart. ex Benth.

Ibidem, p. 360.

Esta espécie ocorre tanto na caatinga bahiana e cearense quanto no Rio de Janeiro e Minas Gerais, da mesma maneira que outros tantos vegetais lenhosos. Toda a região do agreste de Itaobim, incluindo os morros baixos, até o horizonte visual, apresentava-se de um verde-esbranquiçado. De perto, a responsável era a vulgaríssima *jurema-branca*, como ali o povo denomina a presente entidade. Era início de abril de 1979. O número desses arbustos aculeados e dotados de espigas cilíndricas alvas é de milhões talvez; chega a 4-5 m, exibindo vários caules. Após a devastação, reveste maciçamente o solo e domina a paisagem quando florida, a espécie em foco. Fig. 6-7.

4. *Martiodendron parvifolium* (Benth.) Gleason

Phytologia, 1: 141, 1935.

Árvore comum no Maranhão e no Piauí, em matas e capoeiras. Martius colheu-a na Bahia, segundo Bentham (l. c.) na caatinga. Acaba de ser achada em mata seca remanescente, a uns 12 km de Itaobim, MG, no agreste. É aí árvore grande, alcançando cerca de 70 cm x 25 m, cuja rígida e clara madeira é serrada sob o estranho nome de *mara-cujá!* Fato curioso, não referido pelo monógrafo da *Flora Bras.*, são as gemas axilares conspícuas, chegando a 5-7 mm de comprimento, cujos primórdios foliares, por dentro, revelam-se densamente rufo-seríceo-velosos. As flores exibem coloração peculiar: líteo-rubéola (cor de abóbora) em vivo, sendo algo menores do que menciona a descrição benthamiana.

5. *Machaerium nictitans* (Vell.) Benth.

Op. cit., p. 240.

Em Itaobim, estava em flor, uma floração copiosa, já apresentando alguns frutos em desenvolvimento em abril, 1979. Havia frutos de julho de 78, em nosso poder. A árvore leva grandes espinhos nos ramos grossos. Nos ramos floríferos, os espinhos mostram-se bem evolidos, largos e rígidos, sendo derivados das estípulas. As inflorescências são amplas panículas inteiramente rufo-seríceo-velosas. Cada unidade é uma espiga contraída, globosa ou capituliforme, medindo 7 x 10 mm ou 9-10 mm de diâmetro, 6-12-flora. Folíolos (11) 13-15, mucronados. Espécie de magna frequência na região atlântica.

6. *Calliandra leptopoda* Benth.

Fl. Bras. 15 (2): 413, 1876.

Eis um vegetal que foge por completo ao hábito característico das caliandras. Suas pequeninas flores dispostas em típicas umbelas com pedúnculos longos não sugere o seu gênero, que, no entanto, é de reconhecimento imediato nos demais representantes ao primeiro exame. Os folíolos e as grandes estípulas sésseis e cordiformes levariam a pensar em cássia, não fossem as umbelas. Também os legumes conduziriam ao mesmo

fim. Contudo, a figura 106 do seu autor é excelente. Em Itaobim, longe do vilarejo, ocorre grande quantidade sobre lajedos, afloramentos de rochas cristalinas, ricos em cactáceas e outras suculentas e espinhosas. As flores são rubras *in natura*. É uma erva lenhosa provida de raízes fibrosas aplicadas sobre o humo das moles rochosas. As sementes revelam-se maculadas de branco e preto. Aparece ainda na Bahia, ao demais de Minas Gerais.

#### 7. *Acacia grandistipula* Benth.

Ibidem, p. 399.

Arbusto de vários metros cujos caules verdes parecem varas aculeadas de 3-5 m. As amplas estípulas foliáceas são cordiformes (até 17 x 20 mm). As pinas são 4-5-jugas e os folíolos 7-11-jugos, no caso. A folhagem nova é róseo-avermelhado-intensa. Os folíolos, na face inferior, conduzem um tufo de pêlos albo-seríceos em um dos lados, sendo de resto glabros; tal fato surge em não poucas leguminosas. Vive no Rio de Janeiro (restinga), São Paulo e Minas Gerais. Os glomérulos amarelo-pálidos exalam odor agradável. Comum na região mencionada.

#### 8. *Cassia macranthera* DC.

Cf. Bentham, loc. cit., p. 104.

Esta bela árvore mediana, tão dispersa pelas Serras do Mar e da Mantiqueira, foi encontrada na referida mata seca distante de Itaobim. Aqui, sob a forma de fina arvoreta carregada de suas especiosas flores douradas ao vivo. Não media mais do que 25 cm x 5 m. Chamam-na localmente de *caboclo* e *paratudo*, embora nada indique possuir outra propriedade além do alto valor ornamental. Fig. 8.

#### 9. *Cassia planaltoana* Harms

Ad *Cassiam aurivillam* Mart. ex Benth. vergit, sed longe diversa multis notis ut e descriptione patet, praesertim foliolis glabris crenato-ciliatis subtusque aveniis. Jam habito divergitur.

Suffrutex humilior circiter 20-30 cm altus. Rami striato-caniculati, siccitate castanei, ex ima basi sursum versus stipulis persistentibus subulatis acutissimis 3-4 mm longis ornati cum pilis parviusculis. Petioli 3-6 cm longi, supra canaliculati, canaliculo ad margines pilis praedito. Pili omnes breves gracilesque, basi manifeste incrassati, primum glandulosi apice capitellati, cito decapitati setulosique. Folia cinereo-olivacea in herbario. Foliola 8-20, vulgo 12-14, opposita, sessilia, oblonga aut elliptica, subcoriacea, basi parum angustata inaequilatera apiceque rotundato-emarginata, supra subtiliter sed perspicue penninervia nervis obliquis impressis, ei centrali prominulo, subtus enervia sive nervis obsolete manifestis, margine ad lentem evidenter crenato crenis pilis instructis (pilum unicum pro crena), 10-15 mm longa, 6-10 mm lata. Racemi in summis axillis simplices terminalesve, breves, parviflori, circiter 3-4 cm longi, folia haud superantes. Bracteae perminutae persistentes setaceae. Pedicelli graciles, glanduloso-pubescentes, 2-2,5 cm metientes. Sepala oblonga, glabra, submembranacea, 3-3,5 x 7 mm. Petala obovata, superius amplius, inferius angustius, glabra, 10-12 x 6-7 mm, Antherae 10 aequales, 4 mm longae, ad latera pulverulento-tomentosa; filamentis 1 mm longis. Ovarium longe denseque hirsutum vel hispidum. Fructus desideratur.

Habitat ad ripas fluvii Corumbá, rodovia Pires do Rio, Goiás, in cerrado solo saxoso valde duro, legit E. P. Heringer 7758 (15-X-1960). RB 188.975. Fig. 9 e 10.

Uma diminuta planta que vive em cerrado cascalhento (pedregoso), aparecendo após a queimada, em outubro. A sua peculiaridade básica para a discriminação taxionômica consiste das crêmulas foliolas portando, cada uma, um pêlo hialino e curto, cuja base é engrossada, e que de início foi glanduloso (pode ainda ser encontrado em diversos pontos do espécime dessecado). Esses pêlos, também peciolar-ramulares, gozam, ao demais, da particularidade de serem dilatados inferiormente, conforme já se assinalou. A antiga rodovia Pires do Rio hoje denomina-se estrada Luziânia—Goiânia.

#### SUMMARY

This paper bears a number of freshly gathered data on some Brazilian legumes, a few of them poorly known to botanists. Four varieties of the very polymorphic *Mimosa pteridifolia* Benth. were described as new to science. It is important to note that specimens of the recently described *Itaobimia magalhaesii* Rizz. were found in full blossoming; the flowers when seen alive are white at opening but immediately after anthesis turn to dark brown. The genus *Itaobimia* differs from *Riedeliella* Harms mainly by having stamens monadelphous up to the middle of the filaments, thus forming a tube inside which the ovary remains concealed. *Cassia planaltoana* Harms was redescribed.

#### BIBLIOGRAFIA

- BENTHAM, G., 1862-76 — Leguminosae. Mart. Fl. Bras., 15, partes 1 e 2.  
HARMS, H., 1903 — In I. Urban, Plantae novae Americanae imprimis Glaziovianae. Bot. Jahrb., 35, Beibl. 72: 25.  
MOHLENBROCK, R. H., 1962 — The leguminous genus *Riedeliella* Harms. Webbia, 16 (2): 643-648.  
RIZZINI, C. T., 1977 — Leguminosae novae Brasiliensis. Rodriguesia, 43: 147-159.  
RIZZINI, C. T., 1979 — Novos dados sobre *Itaobimia magalhaesii* (Leguminosae-Lothoideae). Rev. Brasil. Biol., 39 (4): 861-870.



Fig. 1 – *Itaobimia magalhaesii*. Fotografia tomada *in situ*, exibindo as vastas panículas e as folhas.

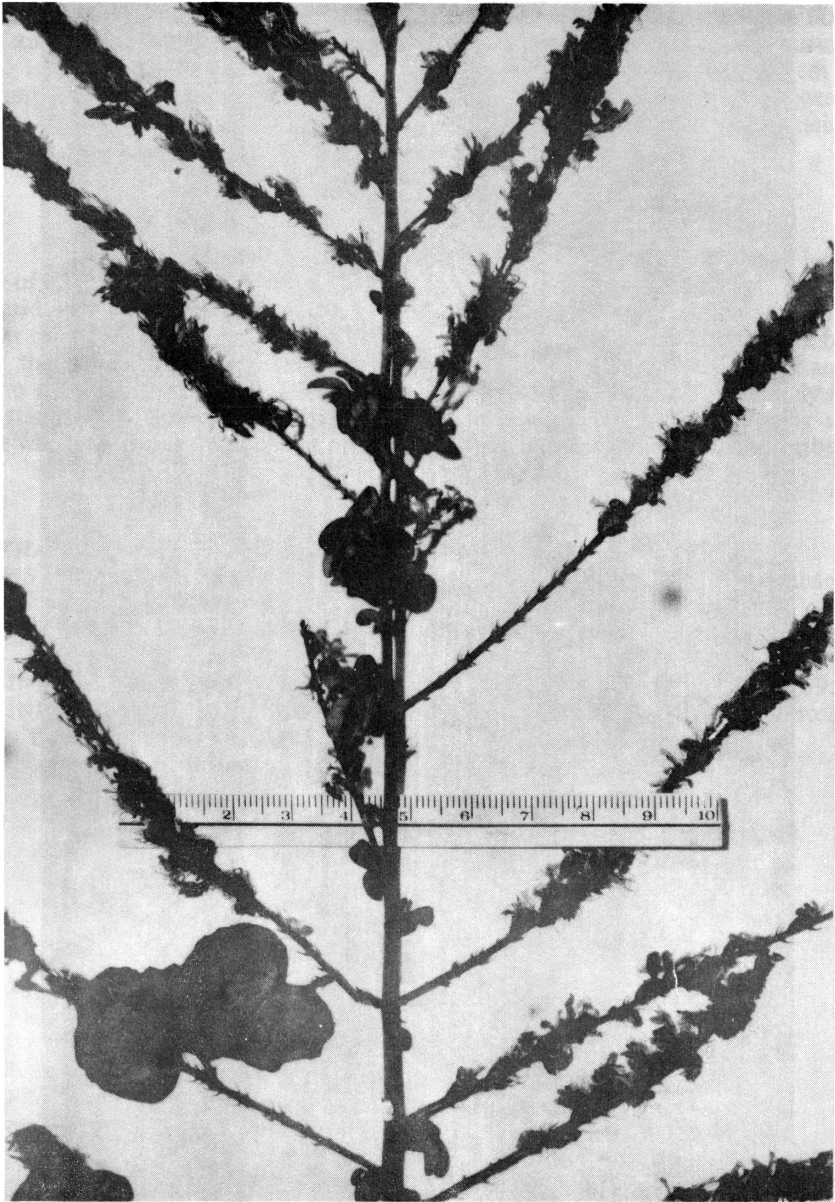


Fig. 2 – *Itaobimia magalhaesii*. Close de material herborizado. Observe folhinhas florais e frutos novos.



Fig. 3 — *Itaobimia magalhaesii*. Close in loco. Racemos inseridos sobre o eixo da inflorescência, que conduz folhas florais reduzidas.



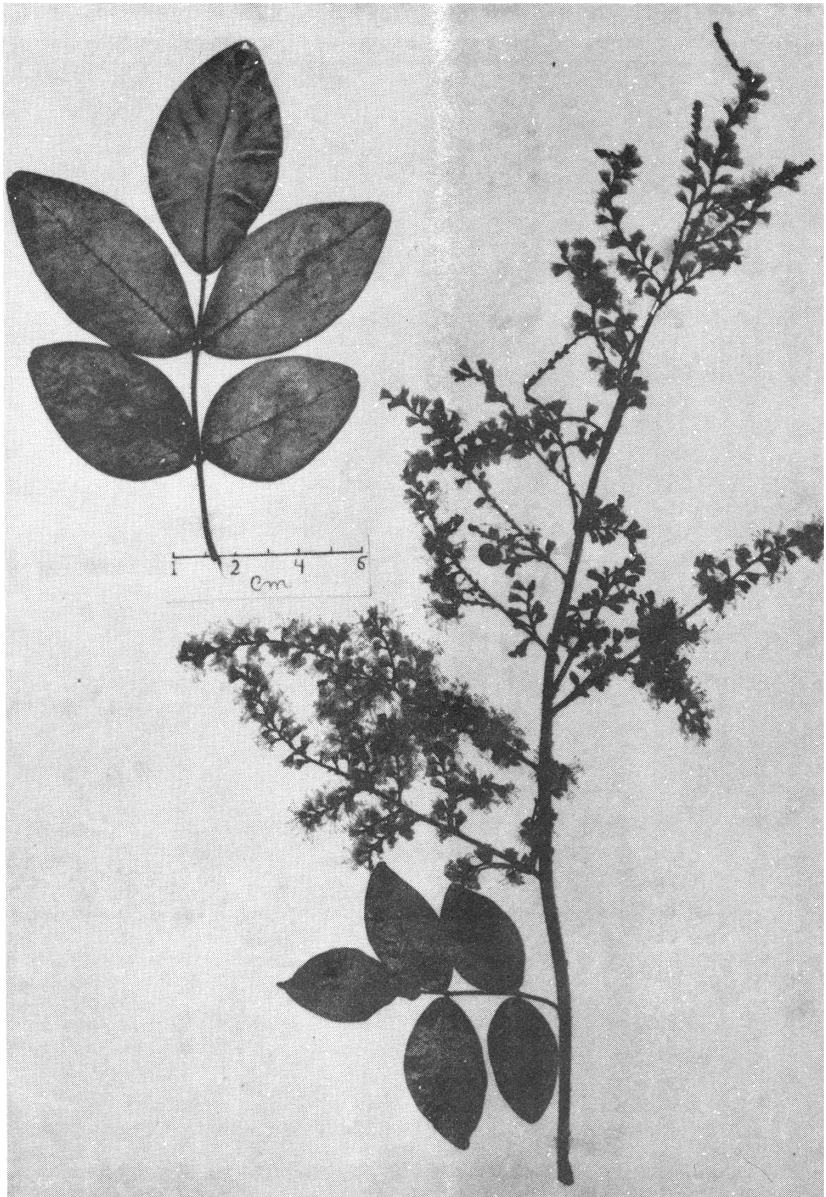


Fig. 4 — *Riedeliella graciliflora*. Hábito.





Fig. 5 — *Mimosa pteridifolia* var. *armandiana*. Note os acúleos.



Fig. 6 – *Mimosa malacocentra*. Hábito arbustivo, caule múltiplo desde a base.



Fig. 7 – *Mimosa malacocentra* – Inflorescências abertas e em botão.

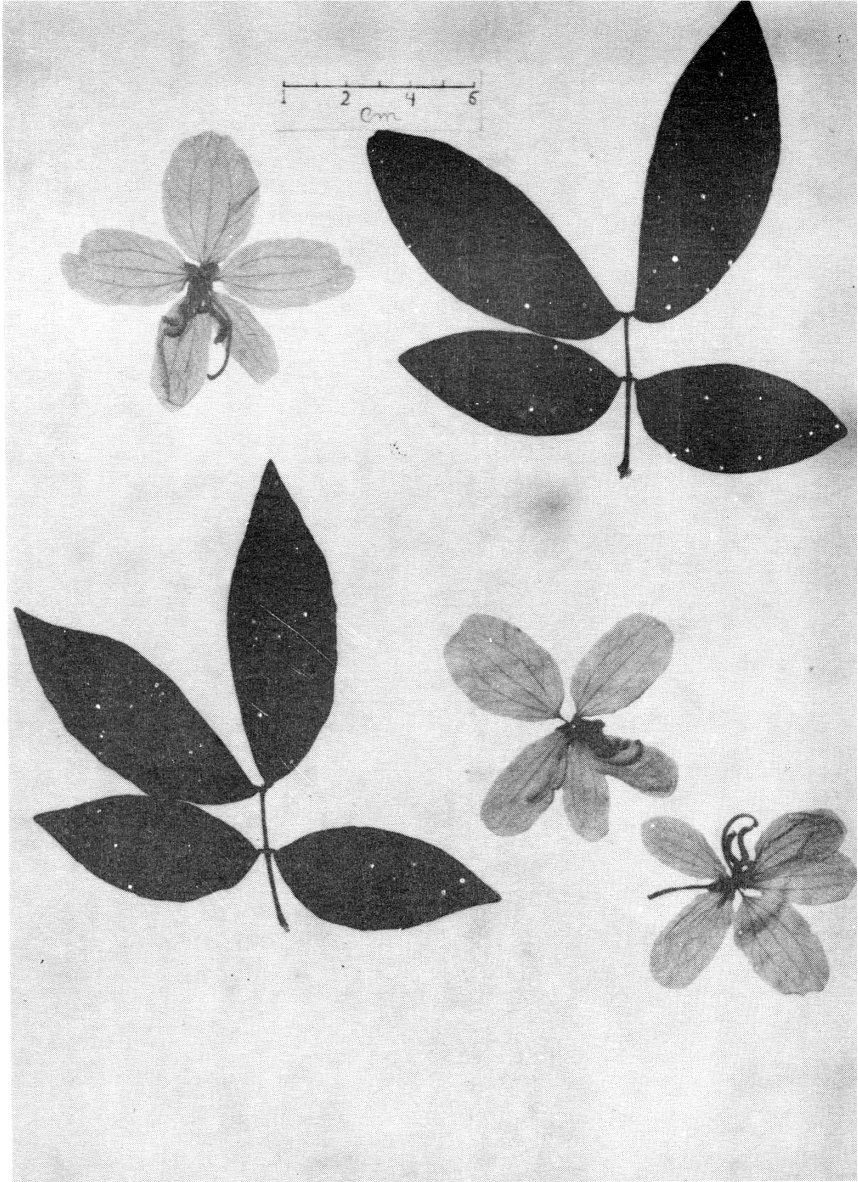


Fig. 8 — *Cassia macranthera*. Folhas e flores.



Fig. 9 — *Cassia planaltoana*. Planta inteira.





Fig. 10 - *Cassia planaltoana*. Close. Observe as margens crenuladas dos folíolos e as estípulas persistentes.